

## AUTÓPSIA: PERCURSO DE UMA CRIAÇÃO / 2021

um filme de Henrique Pina

**Realização:** Henrique Pina / **Direcção de Fotografia:** Lee Fuzeta / **Operadores de Câmara:** Lee Fuzeta e Daniela Manaças / **Som:** Toninho Neto e André G. Mendes / **Montagem:** João Pedro Duarte / **Correcção de Cor:** João Sanchez / **Interpretação:** André de Campos, Beatriz Dias, Bruno Alves, Catarina Câmara, Marta Lobato Faria e Yonel Serrano.

**Produção:** Moonway Films / **Co-produção:** Companhia Olga Roriz, São Luiz Teatro Municipal, Município de Viana do Castelo / **Cópia:** Digital, cor, legendas em inglês / **Duração:** 53 minutos / **Estreia em Portugal:** 10 de Novembro de 2021, Lisboa / **Primeira exibição na Cinemateca**

## IRMÃOS / 2021

um filme de Miguel C. Tavares

**Realização:** Miguel C. Tavares / **Imagem:** Miguel C. Tavares e Rui Manuel Vieira / **Música Original:** Joana Gama e Luís Fernandes / **Montagem:** Miguel C. Tavares / **Correcção de Cor:** Rui Manuel Vieira / **Mistura de Som:** Duarte Ferreira / **Transcrição:** Mariana Lourenço / **Grafismo:** Marta Ramos / **Tradução e Legendagem:** Matilde Lencastre / **Consultoria Artística:** Victor Hugo Pontes / **Interpretação:** Dinis Duarte, Paulo Mota e Valter Fernandes

**Direcção de Produção:** Joana Ventura / **Co-produção:** Nome Próprio, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, Cineteatro Louletano, São Luiz Teatro Municipal, Teatro Municipal do Porto, Teatro Viriato / **Cópia:** Digital, cor, legendas em inglês / **Duração:** 49 minutos / **Estreia em Portugal:** 8 de Abril de 2021 (online) / **Primeira exibição na Cinemateca**

---

com as presenças de Henrique Pina e Miguel C. Tavares

---

Segunda sessão do InShadow de um ciclo dedicado ao processo artístico e criativo de quatro coreógrafos contemporâneos de referência, desta feita a incidir – separadamente, mas numa combinação simbiótica – em duas figuras nacionais: Olga Roriz e Victor Hugo Pontes.

**Autópsia: Percurso de uma Criação** abre com um conjunto de imagens indeléveis – corpos humanos cobertos em argila, numa inércia arrastada, num interior obscuro – antes de passar para um exterior soalheiro em que Olga Roriz nos partilha um pouco do seu percurso pessoal e profissional, momento que coalesce num apontamento inspirado sobre os “nossos mortos.”

Esta passagem vem reverberar na globalidade da sessão: por indução ou inferência (minha), **Irmãos** (com Victor Hugo Pontes a trabalhar um texto de Gonçalo M. Tavares), não obstante uma vigorosa tangibilidade, surgiu-me igualmente envolto numa ideia profunda de *ausência*.

São – na realidade – vários os elementos passíveis de serem articulados entre os dois filmes e os processos criativos (parceladamente) testemunhados de Olga Roriz e Victor Hugo Pontes, mas sobressai desde logo a importância dada à palavra, nas suas mais variadas dimensões.

Dos organogramas presentes em ambos os espaços de ensaio, à carga (individualizada) dos vocábulos que os bailarinos de Olga Roriz são incitados a trazer numa fase inicial da criação, às palavras com que Victor Hugo Pontes e Gonçalo M. Tavares se desafiam mutuamente até à criação de um texto final, a palavra – enunciada, intuída, metaforizada – está omnipresente.

Sobressai ainda a capacidade de ambos os coreógrafos em dialogar o abstracto, em conduzir conceitos intangíveis (o espaço, o tempo, a vida ou a morte) a uma dimensão crescentemente palpável. E se, na criação de Victor Hugo Pontes a palavra resiste, intensamente modulada, na de Olga Roriz terá sido internalizada e animicamente transfigurada em movimento.

De movimento para o *cinema*, duas mais-valias imediatas nos trabalhos de Henrique Pina e Miguel C. Tavares: a despreensão de um olhar que se quer claro e (também ele) dialogante para com aquilo que visa documentar e, acima de tudo, a profundidade efectiva do trabalho efectuado, com o que daí advém: a amplitude de imersão ou a antecipação do movimento.

Por opção narrativa ou decorrência cinematográfica, **Autópsia** parece existir num constante presente – de processo em curso – com toda a crueza (apelativa) que daí resulte, enquanto **Irmãos** se tende a afigurar com a clarividência de um processo retroactivo, ligeiramente mais polido e com maior possibilidade de estetização; distinção moderada, mas curiosa, que surge em particular nos momentos de maior quietude ou nos intervalos que pontuam as acções.

Uma diferença mais imediata nas duas abordagens fílmicas está no facto de Henrique Pina recorrer a depoimentos – sinceros e perceptivos – enquanto Miguel C. Tavares opta por não dar voz aos intervenientes para além da que nos chega dos ensaios efectivos: duas opções opostas, mas identicamente criteriosas, tendo em conta os objectos fílmicos em questão.

Mas são sobretudo os pontos em comum que nos ficam e o que deles levamos, em particular a cronologia natural de dois processos criativos, altamente individualizados, mas – proponho – curiosamente compatíveis na forma como materializam ideias em algo de transcendente.

Ambos os filmes seguem num registo de crescente inquietação, com a sessão a ganhar uma força anímica considerável, numa secção final em que os elementos constituintes – músicas, luzes, figurinos, adereços – nos aparecem conjugados, e onde o próprio domínio extra-cénico – das limpezas e dos bastidores, das escadas e dos corredores – ganha um peso acrescido.

Os breves momentos que ambos os filmes nos granjeiam dos espectáculos respectivos são suficientes no sentido de validar a experiência precedente, pelo que saímos com a sensação de ter acompanhado retalhos e fragmentos de uma manifestação artística digna de nota.

**Autópsia** e **Irmãos** remetem – contínua e necessariamente – para as duas figuras no centro do processo criativo que se propõem a testemunhar, mas a ideia que sobressai das criações aqui documentadas é (em cada um dos casos) a de um colectivo fortíssimo com uma missão una – aquilo a que Olga Roriz chamou, bastante mais poeticamente, de uma *família de vida*.

João Coroa Justino (InShadow – Lisbon Screendance Festival)